

JACQUY CHEMOUNI

**FREUD
E
O SIONISMO**

**TERRA PSICANALÍTICA, TERRA
PROMETIDA**

— Coleção Psicologia Psicanalítica —
Direção
JAYME SALOMÃO

Tradução
MARIA DE LOURDES LEMOS
BRITTO DE MENEZES

Revisão Técnica e Prefácio
MARIALZIRA PERESTRELLO



IMAGO EDITORA
— Rio de Janeiro —

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

C446f Chemouni, Jacquy
Freud e o sionismo: terra psicanalítica, terra prometida/
Jacquy Chemouni; tradução Maria de Lourdes Lemos Britto
de Menezes. — Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992.
276p. (Coleção Psicologia Psicanalítica)

Tradução de: Freud et le sionisme
ISBN 85-312-0191-8

1. Freud, Sigmund, 1856-1939. 2. Judaísmo e psicanálise.
3. Sionismo. I. Título. II. Série.

92-0224

CDD — 150.1952
CDU — 159.964.2

CAPÍTULO I

JUDEIDADE E GERMANIDADE

“É preciso dizer que não poucas mudanças se produziram na Áustria se, em casos semelhantes, todos os judeus soubessem comportar-se como Léo Golowski.” Skelton sorri. “Você sabe, Willy, diante de mim, nada se deve dizer contra os judeus; eu gosto deles. Caso decidissem regular a questão judaica através de uma série de duelos, eu o deploraria, pois, ao final, não restaria um único exemplar masculino dessa excelente raça.”

ARTHUR SCHNITZLER*

Ainda que de direito existisse uma “certa” igualdade para os judeus na Áustria, estes últimos não se poderiam considerar como austríacos da mesma categoria que os gentios: faltava-lhes a “igualdade íntima”, segundo a expressão de G. Clare.¹ Pois o verdadeiro problema do judeu não é apenas a busca de uma igualdade jurídica, o desaparecimento ou a interdição das declarações anti-semitas, mas viver “no quotidiano” sem hostilidade mais ou menos confessada com relação à sua identidade. Durante muito tempo acreditou-se, e muitos ainda acreditam, que bastaria oferecer aos judeus todas as garantias jurídicas e estatais necessárias para que pudessem sentir-se plenamente aceitos no país de onde são cidadãos. Isto corresponde a esquecer o anti-semitismo larvar, e o inconsciente histórico anti-semita que não é contido nem por declarações ou decretos equalizadores, nem sequer, desgraçadamente, pela instrução cívica. O fracasso da integração dos judeus, devido à persistente hostilidade para com a própria identidade desses cidadãos tem sua raiz nas camadas profundas da História do Ocidente. À

* Todas as epígrafes de Schnitzler são provenientes de seu excelente livro *Vienne au Crépuscule* (Der Weg ins Freie)

sua maneira, Freud tentou compreendê-lo em sua última obra, *Moisés e o mono-teísmo*.

Os grandes debates públicos sobre o lugar do judeu na sociedade de língua alemã traduzem, na verdade, o profundo mal-estar dos judeus divididos entre sua identidade judaica e uma certa ligação à cultura e à nacionalidade dos países onde vivem. Esse duplo laço parece ter sido um problema constante para a comunidade judaica a partir de meados do século XIX. Ele freqüentemente se expressa através de uma atitude ambivalente; não sabendo o judeu se devia privilegiar sua judeidade ou seu patriotismo, como se o problema precisasse ser colocado nestes termos. Isso o deixava numa posição difícil frente ao compatriota gentio, o qual, dividido, perguntava-se se o judeu era fiel em primeiro lugar à sua identidade de grupo ou ao seu estado de cidadão, considerando difícil ser sinceramente os dois ao mesmo tempo.

Qualquer que fosse, em definitivo, o sentimento predominante no judeu e qualquer que fosse o seu grau de fidelidade à religião de seus pais, ele encontrava-se antes dividido entre duas vivências, do que entre duas culturas.

Quando Freud começa a redação de sua obra, o judaísmo já não possui mais a riqueza de antes. Um dos fundadores da ciência do judaísmo, Moritz Steinschneider (1816-1907) confessa a seu aluno Gothold Weil, que lhe expõe suas idéias sobre o renascimento judaico e sobre um judaísmo vivo: "A única tarefa que nos resta, é dar ao que ainda existe do judaísmo um enterro decente."² Emancipação, reformas internas, assimilação, conversões, produziram um certo enfraquecimento do judaísmo e uma desintegração da Sinagoga. A atração do mundo moderno e sobretudo a recusa ou a "impossibilidade moderna" de aderir a qualquer crença religiosa colocaram inúmeros judeus numa situação delicada, paradoxal, quando afirmavam a sua identidade. Surge assim o sionismo numa Europa onde se constituem os Estados Nacionais, durante um período em que o judaísmo está exangue. São significativas a esse respeito a ação e a obra de Moses Hess (1812-1875). Esse "pai da social-democracia alemã" — segundo a inscrição de sua lápide no cemitério de Colônia-Deutz —, considerou-se primeiro como um judeu completamente assimilado e, em seguida, sofreu uma crise de identidade que o conduziu não ao judaísmo, mas ao sionismo.

A questão judaica tal como ela é abordada na época de Freud foi colocada pela primeira vez pela *Aufklärung* que aspirava a emancipação dos judeus sob a condição de que abandonassem a especificidade, considerada como um freio no processo de reconhecimento de sua cidadania. Conforme escreveu Hannah Arendt, "é exato que pelo menos no início do século precedente, a assimilação não era uma assimilação qualquer: ela sempre significava uma assimilação à *Aufklärung*".³ Alguns românticos adotaram essa visão alienante para o judeu. Sobre Freud a influência das *Luzes* e do romantismo alemão não foi acompanhada de uma adesão a essa concepção da questão judia. Ele teria podido escrever, como Heine, falando de sua judeidade, que "no berço havia encontrado o seu

rumo para a vida inteira", ele jamais se considerou como um "defroqué",* conforme uma outra expressão de Heine,⁴ mesmo havendo abandonado qualquer crença religiosa.

Além disso, o anti-semitismo já está presente nos românticos, como aqueles da *Christlichdeutsche Tischgesellschaft* constituída em 1810 e da qual participavam Kleist, Clausewitz, Brentano, etc... É verdade que Freud "será mais *Aufklärer* do que romântico", sobretudo em se tratando de religião;⁵ mas sua adesão às *Luzes* apesar de nutrir seu ateísmo, seu universalismo, permanecerá "limitada" pela maneira como assume sua judeidade: que, inacessível a qualquer influência, conhece como única realidade a sua própria filiação.⁶

Todos os historiadores da Áustria dos anos 1900 insistiram no problema da identidade cultural ou nacional com que estavam confrontados os austríacos. No final do último século, estes, cada vez mais, tomavam consciência de uma identidade austríaca distinta da identidade alemã. Antes, por volta dos anos 1840, não se dissociava austríaco de alemão: "Quer fosse levada pelos escritores austríacos a partir de Viena ou nos jornais alemães e de casas de edição alemãs, a controvérsia entre defensores e contestadores do regime faz aparecer um jogo complexo onde no 'interior' e no 'exterior', o austríaco e o alemão, nunca são perfeitamente dissociáveis, nem definidos de uma forma nítida. A partir de 1842, o *Grenzbote* (*O mensageiro das fronteiras*) publicado em Leipzig, reúne em torno do jornalista Kuranda, os escritores austríacos descontentes. Ao mesmo tempo são publicadas inúmeras brochuras insistindo na pertença da Áustria à nação alemã e reivindicando uma liberalização política e cultural."⁷

Pouco a pouco, de fato, no final do século XIX, forja-se uma identidade propriamente austríaca oposta à Alemanha. No plano cultural, a distinção entre os dois países aparece nitidamente mais acentuada. Carl E. Schorske, pensa mesmo que "a cultura austríaca era em primeiro lugar estética, diferentemente da cultura alemã, moralizadora, filosófica e científica".⁸

Tomado em oposição à "judeidade", o termo "germanidade" engloba indiferentemente à Alemanha e o Império Austro-Húngaro.

Para os judeus, o problema essencial continua sendo determinar o lugar de sua judeidade com relação à sua germanidade. A questão colocava-se de maneira idêntica na Áustria e na Alemanha.⁹ As tomadas de posição de Moritz Goldstein e as polêmicas que se seguiram ilustram isso muito bem. Em 1912, Moritz Goldstein publica na revista *Der Kunstwart* um artigo de notável acuidade. Ele se interroga sobre o lugar dos judeus na cultura alemã.¹⁰ Seu artigo provocou polêmicas apaixonadas, "uma espécie de escândalo", escreve o historiador W. Laqueur.¹¹ Qualquer que seja a apreciação feita às afirmações do autor, sua clarividência, vinte anos antes da ascensão nazista, é admirável. Moritz Goldstein constata a extraordinária presença dos judeus nos diversos domínios culturais — em Viena, na mesma época, ela é ainda mais gritante — e conclui: "Nós judeus geramos o patrimônio cultural de um povo que não nos reconhece nem o direto

* *defroqué* = quem renuncia ao estado eclesiástico. Dito no sentido pejorativo, equivale a renegado.

nem a capacidade de fazê-lo." O judeu é estrangeiro, perseguem-no, desprezam-no, pedem-lhe que elimine a sua especificidade, quem sabe até que se converta. Em uma palavra, o judeu, enquanto tal, não tem o seu lugar, ao mesmo tempo que a "cultura alemã, numa parte considerável, é a cultura judaica... Não queremos mais dar a nossa vida pela cultura de um povo que qualifica nossa ativa participação de insistência judia".

Soluções! Moritz Goldstein não as tem. O sionismo? Ele responde em termos que Freud poderia perfeitamente reivindicar: "... para nós, judeus alemães de hoje, é tão difícil nos tornarmos escritores hebreus quanto emigrarmos para Sion. Ou em outros termos: tanto devemos desejar convenientemente separar aquilo que é judeu daquilo que não o é no plano cultural alemão a fim de sair dos comprometimentos, da insuficiência e da falta de dignidade humana e pessoal, quanto sabemos que isso é impossível num porvir previsível. Pois — não obstante as perseguições, o desprezo e a falta de consideração — judeus e alemães foram tão próximos durante mais de um milênio de vida comum que suas raízes formam uma meada de agora em diante impossível de desembaraçar". Todavia, conforme ele esclarece e Freud também insistirá: "... eu diria em primeiro lugar (isto é doloroso mas benéfico) que é preciso proclamar-se judeu em alto e bom som, eu diria mesmo sem a menor vergonha, que é preciso não dissimular o seu nome judeu tão comprometedor em aparência por trás de prenomes guerreiros de consonância germânica. É preciso que os judeus não mais escrevam, pintem ou façam poemas para os próprios judeus, mas que atuem em toda parte enquanto tais".

Ernest Lissauer¹² respondeu a M. Goldstein, no artigo *Germanidade e judeidade*: "os judeus encontram-se hoje numa etapa intermediária"... "Não é verdade que o ódio — sobretudo quando vem de alemães cultivados — atinge os judeus enquanto tais. Em contrapartida, é inegável que o judeu é objeto de fortes preconceitos desfavoráveis; no entanto, a esmagadora maioria dos não-judeus está disposta a rever os seus juízos em relação ao judeu enquanto judeu. O fato de os judeus ainda suscitarem ódio enquanto grupo explica-se justamente pelos fatores históricos". Para Lissauer, os judeus devem procurar obter a confiança levando em consideração o peso da história: "Os antagonismos religiosos desapareceram, pois os judeus não rezam mais a um Deus particular, nem tampouco continuam considerando-se o povo eleito. O único laço poderoso que permitia aos judeus constituírem um conjunto unido está desfeito. O número de judeus crentes — sobretudo entre os cultivados — já é mínimo e decresce a cada dia."

"A parte ocupada pelos judeus na cultura alemã é com certeza desmesuradamente grande, e, se isso algumas vezes lhes serviu, é necessário reconhecer que no mais das vezes os atrapalhou." A solução proposta é bem simples: "Só existem duas possibilidades: emigrar ou tornar-se alemão, eis os dois termos entre os quais é preciso escolher." E optando-se pelo segundo é preciso aprofundar-se, enraizar-se com todas as forças na Alemanha, tornar-se um alemão, fazer da causa alemã a sua própria causa, e nela manter-se apesar dos sarcasmos e das zombarias dos sionistas e dos anti-semitas. É necessário uma certa robustez para

subsistir em tais condições. "Feliz aquele que sabe disto e apesar de tudo assegura sua salvação guardando a nobreza de sua alma."¹³

Melhor do que ninguém, sem dúvida, o fundador do neokantismo, Hermann Cohen, no artigo *Germanidade e judeidade*,¹⁴ traduziu a convicção da maioria dos judeus de um laço possível, necessário, mas sobretudo quase "natural" a partir do final do século XVIII, entre o alemão e o judeu, não o judeu alemão, mas o judeu ocidental. A leitura desse famoso artigo é fundamental para compreender retrospectivamente a ilusão da maioria dos intelectuais judeus de uma íntima simbiose entre judeidade e germanidade. Nós também medimos, indiretamente e *a posteriori*, o quanto a posição de Freud sobre essa questão, ao contrário de inúmeros pensadores judeus alemães, resulta de uma compreensão aguda dos verdadeiros móveis das relações entre judeus e germanos.

A idéia central do ensaio de Cohen é essa "profunda comunidade que liga judaísmo a germanidade".¹⁵ Além disso, a Alemanha é mãe pátria das *almas judias*. É preciso "convencer nossos correligionários do mundo inteiro, escreve Cohen, da importância religiosa do espírito alemão, de sua influência, da legitimidade de sua exigência frente aos judeus de outros países, importância e influência que tanto se referem ao seu desenvolvimento religioso quanto ao conjunto de seus esforços culturais".¹⁶ Não somente o judeu alemão deve muito à cultura germânica, mas os judeus de todos os países devem reconhecer uma "prioridade alemã" na cultura em geral. E Cohen, com muita leviandade, afirma que "a igualdade política dos judeus na Alemanha está enraizada mais profundamente do que em qualquer outro lugar".¹⁷

Cohen deseja que o judeu sinta-se plenamente alemão, mas não que ele se converta e, por conseguinte, desapareça enquanto judeu. Sua afirmação de uma simbiose judia-alemã e o do papel de modelo, quem sabe até de guia para o mundo, do espírito alemão, leva-o evidentemente a rejeitar o sionismo e, de alguma forma, a valorizar a persistência do exílio judaico.

O apego do judeu à sua identidade e a necessidade de afirmar sua fidelidade ao território onde vive foram, mesmo antes da criação do sionismo político, uma preocupação constante.

Citemos a carta de Walter Benjamin a Florens Christian Rang (18 de novembro de 1923) que expõe admiravelmente diversos aspectos das relações entre judaísmo e germanidade: "O judeu de hoje que se engaja *publicamente* por qualquer causa alemã a perde, seja ela a melhor, pois sua expressão alemã oficial é necessariamente venal (no sentido profundo); ela não pode produzir o testemunho de sua autenticidade. É de uma outra maneira que relações entre alemães e judeus podem legitimamente afirmar-se. No fim das contas, o que eu dizia ainda mantém, creio eu, o seu valor: tudo aquilo a que hoje, na ordem das relações germano-judias, se atribui *formas de ação visíveis* é funesto; uma salutar cumplicidade obriga hoje as naturezas nobres de dois povos a nada dizer do laço que as une. A questão da emigração, se for preciso retornar a ela, só tem relação com a questão judaica no sentido em que responde pela negação à tentativa que é a tua

rava-se ao mesmo tempo alemão e judeu: "Minha pertença ao povo alemão me é tão sagrada quanto minha origem judaica."²⁹

Citemos ainda o que escrevia, só dois anos antes da chegada de Hitler ao poder, a *C. V. Zeitung*: "Nós somos alemães e não permitiremos a ninguém, seja ou não judeu, frustrar nossa nacionalidade e nossos sentimentos patrióticos."³⁰

Só quando Hitler "passou à ação" sem nenhuma ambigüidade, é que os judeus começaram a entrever seriamente a impossibilidade de ser judeu na Alemanha. Logo se aperceberam que nem a própria conversão poderia mudar sua situação. Até 1933 pelo menos, alguns judeus ainda acreditavam no sacrifício de sua judeidade para assegurar sua germanidade. Hitler, chegando a chanceler do Reich, não mais permite negar a evidência: o judeu é e permanecerá sendo um estrangeiro em sua terra natal.

Não afirmaremos, como às vezes se faz com excessiva facilidade, que a solução final estava "inscrita" nas relações entre judeus e germanos desde o final do século XIX.³¹ Na verdade, desde muito cedo "o impossível judeu" se deixa adivinhar, decorrência lógica da espiral descrita acima. O sionismo também foi conseqüência dela. Foi igualmente enunciada a idéia de uma distinção entre o judeu alemão e o cidadão alemão de confissão judaica. A verdadeira questão é saber se o judeu, crente ou não, pode extrair-se de sua marca, freqüentemente considerada indelével, a tal ponto que mesmo sem laços com sua comunidade de origem, ateu, quem sabe até convertido ao cristianismo, nem por isso está protegido da acusação de ser judeu antes de ser alemão, e algumas vezes também de ser excessivamente judeu.

A forma como está manifestamente colocada a questão judaica no tempo de Freud — que a filosofia spengleriana da história ilustra à sua maneira — implica que o judeu permanece "colado" à sua origem em virtude de caracteres considerados específicos. Esses discursos ideológicos ou pseudocientíficos têm por função conferir ao mito da "marca judaica" uma aparência de racionalidade, sobre a qual se fundamenta a exclusão de qualquer cidadão dessa confissão susceptível de possuir os supostos traços do seu povo. O absurdo dessas proposições não alteram a tranqüilidade do raciocínio: como conceber, de fato, um judeu fiel à religião de seus pais e recusando os traços indissociáveis do judaísmo?

Nesse debate sobre a impossibilidade, pretendida pelo judeu, de aceder a uma cultura que não é a de seus ancestrais, a preocupação paranóica de preservar essa cultura de qualquer contribuição heterogênea nada mais é do que uma forma "menos criticável", "mais aceitável", de pregar a pureza racial sob o manto da ciência. "O Parnaso judeu-alemão", a expressão é de Moritz Goldstein, na realidade, só dizia respeito aos judeus alemães, assim como a simbiose judeu-alemã só despertava o entusiasmo dos judeus.

Um autor como Rathenau (1867-1922), futuro ministro dos assuntos estrangeiros, de origem judaica, que desejava ardentemente a assimilação total,³² foi obrigado a reconhecer que, pela sua identidade, o judeu é um cidadão de segunda classe. Em 1897, seu panfleto intitulado ao mesmo tempo em hebreu (*Shema Israel*) e em alemão *Escuta Israel*,³³ foi publicado no *Zukunft*, periódico editado por

Maximilian Harden.³⁴ Rathenau afirma ali que os alemães não gostam dos judeus e pergunta-se o que justificaria essa rejeição. Ele não se mostra partidário da assimilação total, mas antes afirma que: "Precisamos fazer alguma coisa que não tenha valor histórico: aprender, enquanto grupo étnico, a nos adaptar às exigências estrangeiras. Não se trata de uma adaptação no sentido de *mimicry* de Darwin, que assim designa a faculdade de certos insetos em assumir a cor de seu meio ambiente, mas antes de uma integração (*Anartung*) no sentido de nos desembaraçar de algumas de nossas idiossincrasias, boas ou más a fim de adquirir outras que seriam mais apropriadas. E se essa metamorfose pudesse promover também um balanço positivo dos valores morais, seria um sucesso de que poderíamos nos rejubilar. A finalidade de todo esse processo não é criar germanos de imitação, mas judeus educados e formados à maneira alemã. Assistiremos obrigatoriamente ao surgimento de um estado intermediário que será reconhecido por uma parte e pela outra e servirá como traço de união entre o judaísmo antigo e a germanidade, uma espécie de patriciado judeu, fundamentado não sobre os bens materiais mas sobre a cultura do corpo e do espírito. Esse estado será obtido através de raízes que se nutrirão deste solo, e gradualmente ele transformará e digerirá tudo aquilo que for capaz de absorver."³⁵

Ainda que incessantemente ele se proclamasse mais alemão do que judeu, a sua judeidade o preocupava e influenciou de maneira durável e profunda sua obra, muito mais do que sua ação.³⁶ Seu assassinato em 1922 confirmou essa ilusão de pretender-se alemão sem ser sinceramente a isto solicitado. Esse fim trágico é com certeza a resposta de um fanático ao judeu que tentou "incrustar-se" no destino da Alemanha. Mas será que ele não corresponde a uma lógica anterior de exclusão, de banimento? Muito cedo, o assassino não estará mais solitário. Um ano depois, no outono de 1923, Berlim assiste a um *pogrom* e alguns anos mais tarde, esses sentimentos tornam-se razão de Estado com as trágicas conseqüências que conhecemos.

O escritor austríaco Jakov Lind, nascido em 1927, relatando sua juventude em Viena durante a Segunda Guerra Mundial, escreve: "Sexta-feira, 13 de março, as tropas alemãs penetraram na Áustria.

Italianos, húngaros, romenos — todos austríacos sem exceção. Mas nenhum judeu, tivesse ele um patriotismo bem alemão... — não. Um judeu não era um austríaco. Um judeu era ao mesmo tempo um abutre, um porco, um cão, um cão de um porco*, um sub-homem, um criminoso, um mentiroso, um monstro; após 13 de março, ele se torna tudo isso e pior, oficialmente."³⁷

Eles se pretendiam alemães ou austríacos, mas sem renunciar à sua identidade judaica. Durante muito tempo, o sionismo não lhes pareceu poder conciliar seu sentimento nacional germânico e sua judeidade. O sionismo era a solução para uma questão que não se colocava. Seu problema era em primeiro lugar cultural. O laço com a política só se fez, progressivamente, na medida em que se tomava consciência da caducidade das respostas oferecidas ao dilema judeidade-germanidade.³⁸

* Equivale ao insulto alemão *Schweinehund*.

Durante séculos, a figura do judeu obcecou o Ocidente. A época da racionalidade triunfante tentou, de diversas maneiras, atribuir aos judeus uma especificidade, a fim de justificar sua rejeição: tal discurso tinha por única finalidade apagar o judeu, ainda que fosse imaginário. A situação parece sem saída: o anti-semita, da mesma forma que o cidadão gentio benevolente em relação ao judeu, produz uma como que gramática cultural inacessível a este último. Mas nem os traços, considerados próprios do judeu, nem os de uma cultura não-judaica puderam ser seriamente avaliados, definidos, menos ainda colocados como complementares ou antinômicos. Estamos aí em presença de delírios discursivos a que aliás, precisamos reconhecer, os próprios judeus, ainda que com intenções diversas, deram mão forte.

Com justeza, podemos supor que uma cultura nacional favoreça certos traços de caráter de seus membros, mas até hoje nenhum estudo demonstrou a incompatibilidade dessas características com as de uma outra cultura, nem que as culturas nacionais se oponham entre si, pela simples razão de não se poder afirmar que a especificidade de um grupo permaneça inacessível a um outro grupo. Por isso é necessário ser prudente antes de declarar uma promiscuidade quase funcional entre a psicanálise e o judaísmo. Não se pode ser taxativo, e considerar que apenas o judaísmo expressa concepções próximas às da psicanálise; afirmá-lo retomaria o ponto de vista dos defensores de uma cidadania incompatível com o judeu. Nos dois casos, aquilo que se representa no imaginário coletivo é percebido como realidade objetivável.

É forçoso reconhecer a fragilidade de um raciocínio fundamentado sobre dois termos: "judeidade" e "germanidade" concebidos como conjuntos distintos de traços capazes por si mesmos de definir o judeu ou o alemão. A existência de duas realidades diferentes remete a ordens simbólicas separadas, que, a esse título, não se opõem, mas antes se embaraçam; e depois, "judeidade," "germanidade" ou qualquer outra identidade nacional, encontram sua origem na mesma fonte: a história. Finalmente, o fato judaico é uma realidade que estruturou o Ocidente cristão, e que, em retorno, marcou a judeidade.

Se os judeus na Alemanha e na Áustria experimentaram muitas vezes a necessidade de se interrogar sobre sua identidade, não significaria isto que esses países estavam, eles mesmos, confrontados com esse problema? Pois se a questão "o que é um judeu?" não tem fronteira geográfica ou étnica, a questão de sua cidadania com relação à sua judeidade, em contrapartida, é colocada principalmente nos países germânicos.

Há vários séculos, a literatura de língua alemã não cessa de se preocupar com a identidade alemã. A língua, a posição geográfica, considerações de ordem psicológica e em seguida racial foram propostas para explicar a origem dessa identidade, mas nenhuma interpretação conseguiu uma adesão unânime. Vários autores ressaltaram o laço entre esse tipo de pesquisa e o anti-semitismo.

Assim, Ernst Jörges escreve em seu livro *Die Weltgeschichtliche Bedeutung des Judentums und Seine Zukunft*: "Algumas vezes inconscientemente, mas com freqüência conscientemente, o alemão sente que ele mesmo está ainda longe de

estar completo do ponto de vista racial... A Alemanha ainda se procura e ainda não se encontrou. Por isso o alemão opõe-se instintivamente a novas misturas raciais, sobretudo com sangue estrangeiro. Este é o sentido real do apelo alemão à pureza racial (...). Também no plano espiritual, vemos o alemão combater há séculos para estabelecer sua identidade nacional. Este combate tampouco está terminado. Essas condições especiais explicam por que os meios "völkisch" (racistas) alemães recusam com fanatismo a admissão de judeus (no país)... Citemos ainda Paul de Lagarde e Eva Reichmann. O primeiro insiste na identidade germânica e no anti-semitismo racial: "Os judeus, escreve ele, impedem o acabamento da missão racial do povo alemão" ou ainda "cada judeu que nos embarça representa uma séria afronta à autenticidade e à veracidade de nosso germanismo...";³⁹ e a segunda analisa o problema nestes termos: "Uma desarmonia interna, uma falta de unidade formavam o fundamento do anti-semitismo de antes da guerra na Alemanha. Uma homogeneidade artificial fundamentada na seleção de um inimigo comum veio substituir a homogeneidade natural baseada no sentimento nacional, que não teve meios para se desenvolver antes que a influência desintegradora de um industrialismo altamente desenvolvido começasse a quebrá-la."⁴⁰

No plano cultural, os inícios da Primeira Guerra Mundial vão provocar uma fratura importante nas relações judeu-germânicas.⁴¹

Pensadores como Ernst Jünger, pelo menos durante algum tempo, alimentaram a idéia de uma incompatibilidade de natureza entre o judeu e o germano. Ernest Jünger escrevia: "No tocante à vida da Alemanha, o judeu de modo algum pode representar um papel criador, qualquer que seja, nem para o bem nem para o mal... Na mesma medida em que a vontade alemã se afirma e toma forma, a pior ilusão dos judeus que acreditam poder ser alemães na Alemanha será cada vez menos realizável e eles se verão colocados diante de sua derradeira alternativa, que é, na Alemanha, ser judeu ou não ser".⁴² Essas palavras de 1930 qualificadas de "tagarelice jornalística da civilização" tinham por finalidade diminuir a contribuição dos judeus e recolocar em questão o processo de assimilação.

A questão judaica parece obcecar a maior parte dos escritores ou ideólogos do final do século. "Praticamente, todos os escritores nascidos entre 1860 e 1870 trataram do problema psicológico de ser judeu", escreve M. Pollak.⁴³ Freud não é exceção à regra. Não apenas ele aborda a questão diretamente em *Moisés e o monoteísmo*, mas, tal como a de Kafka, sua obra ilustra essa preocupação.

Quaisquer que sejam as atitudes adotadas com relação à identidade judaica — afirmada, assumida, negada, rejeitada etc. — uma certeza se impõe: todos os criadores judeus sentiram a necessidade de situar-se com respeito a sua origem, ainda que fosse para hostilizá-la, como se o problema não pudesse caminhar por si mesmo, e exigisse uma certa "objetivação" a fim de justificar a procura de um lugar que se desejasse ocupar nesse mundo ocidental em plena mutação.

Sem pretender estudar em detalhe os laços que uniam os escritores do tempo de Freud à sua judeidade, o que seria muito longo, é interessante tratar com brevidade pelo menos alguns exemplos determinantes.

A enorme contribuição dos judeus à vida artística nos países de língua alemã também se mede pela importância do mecenato judaico. A esse respeito, o filho de Thomas Mann, Klaus, escreve: "É verdade que essa vida cultural alemã sofria uma forte influência judaica, sobretudo em Praga onde a elite intelectual de língua alemã era composta quase exclusivamente de elementos *não-arianos*. Sem o apoio financeiro da rica aristocracia judia, o teatro alemão, a música e a literatura alemãs, não teriam podido subsistir; sem a contribuição dos talentos judeus, a vida artística alemã em Praga teria perdido o seu caráter único e tão sedutor."⁴⁴

Entre esses contemporâneos de Freud, alguns trazem à cena, em sua obra literária, sob diversos aspectos, o problema judaico. Quase nenhum deles, porém, irá buscar no judaísmo a sua fonte de inspiração exceto, todavia, Richard Beer-Hofmann (1866-1945) a quem Freud endereçou estas linhas: "O senhor não deve pensar que permaneci indiferente em relação à majestosa beleza de sua obra literária. Fiquei gratificado em acreditar, segundo aquilo que pude aprender sobre si, que devemos ter muitos pontos comuns, sobre assuntos importantes."⁴⁵ Richard Beer-Hofmann pertencia à Jung-Wien com Arthur Schnitzler, Peter Altenberg, Theodor Herzl, Hugo von Hofmannsthal, Golmann, Felix Salten e Hermann Bahr. Todos de origem judaica, salvo este último, cujas propostas anti-semitas levaram Herzl a demitir-se da associação *Burschenschaft Albia*.⁴⁶ Bahr escreveu em seguida, em 1919, um romance anti-semita *Die Rotte Korahs*. Ele reuniu também uma seqüência de entrevistas com diferentes personalidades sob o título *Der Antisemitismus, ein internationales Interview* (1894).⁴⁷ Depois, Bahr proclamou a necessidade de ultrapassar o nacionalismo.

Apenas dois escritores — tirando Herzl, hoje mais conhecido como homem político do que como literato, ainda que tenha escrito uma peça de teatro sobre o problema judaico, *Das Neue Ghetto* — abordaram diretamente, em suas obras, a questão judaica: Arthur Schnitzler e Richard Beer-Hofmann. Este último escreveu antes de emigrar para os Estados Unidos, em 1939, uma trilogia sobre *o Rei Davi*, verdadeira profissão de fé sionista e emocionante drama sobre o destino do povo judeu.⁴⁸

Quanto a Schnitzler, sem procurar inspiração no judaísmo, evoca em parte de sua obra, o problema judaico tal como ele então se apresentava. Sua sensibilidade para a questão judaica e sua judeidade provavelmente não são estranhas à amizade que Freud lhe dedicava e ao sentimento de nele ver o seu "duplo".⁴⁹

Em sua *Autobiografia*, Schnitzler escreve: "Nestas páginas muito se tratará de judeidade e de anti-semitismo, até mais, dirão alguns, do que o bom gosto e a justiça o exigiriam. Mas na época em que se poderá lê-las, provavelmente, pelo menos é o que espero, não mais se imaginará a importância política, social e sobretudo moral que envolvia a questão judaica no tempo em que foram escritas. Não era possível, particularmente para um judeu que representava um papel na vida pública, esquecer que era judeu: os outros não o esqueciam, nem os cristãos, nem sobretudo os próprios judeus. Tinha-se a escolha de passar por insensível, invasor, arrogante ou por susceptível, tímido, presa do delírio de perseguição. E caso se tivesse suficiente sangue frio e firmeza para não dar margem a nenhuma

dessas duas interpretações, era impossível não sentir-se envolvido, como também seria impossível, digamos a um paciente operado sob anestesia local, mas lúcido e de olhos bem abertos, permanecer indiferente à vista de facas mal lavadas cortando-lhe a pele até correr o sangue."⁵⁰ Schnitzler se enganava. Mais ainda do que ontem, imaginamos hoje muito bem, à luz dos trágicos acontecimentos da última Guerra Mundial, o que pôde ser a "questão judaica".

Schnitzler mencionou o problema judaico em *O professor Bernhardt* e *O tenente Gustel*. Nesta última obra, algumas observações do tenente traduzem um certo estado de espírito do oficial em relação aos judeus. Os judeus são intrusos, eles estão em toda parte. À saída de um teatro, ele acredita perceber um nariz judeu. "Oh! esse nariz! — uma judia... outra... é espantoso, a metade das pessoas são judias... não se tem paz sequer para saborear um oratório."⁵¹ Essa intrusão, ele a experimenta pessoalmente: "Eu sei o que ela me diz, de resto... ela não pode vir porque está com 'ele' e porque ele a leva a jantar... Foi engraçado, há oito dias, quando estava no restaurante com ele, e eu numa mesa em frente com Kopetzky; olhava-me como estava combinado e ele não se apercebia de nada — inaudito! É um judeu sem dúvida! Um banqueiro, um bigode negro!... Não há como errar. Oficial da reserva também? Eu não o aconselho a fazer seus vinte e oito dias no meu regimento! Como se permite aos judeus tornarem-se oficiais? — Por coisas assim é que não levo a sério o anti-semitismo."⁵²

Mas sobretudo em *Der Weg ins Freie (Viena ao crepúsculo)* a questão judaica é amplamente desenvolvida, inclusive na sua dimensão sionista. Não podemos ter uma idéia, pela leitura desse livro, das posições pessoais de Schnitzler, tantos são os pontos de vista diferentes que apresenta e desenvolve, mas ele evoca bastante bem a situação na época de Freud. Por isso, o citamos em exergo no nosso estudo.

Para Arthur Schnitzler, o anti-semitismo decorre da posição minoritária dos judeus no mundo. Nem a assimilação, nem o sionismo parecem-lhe poder regular o problema. Ainda que Schnitzler não militasse, nem numa organização política,⁵³ nem numa associação cultural como a B'nai B'rith, conforme fez Freud, à sua maneira não deixou de ilustrar a crise da judeidade alemã, tendo sido o primeiro escritor a fazê-lo em um romance: "Era sem dúvida o primeiro romance onde um prosador importante descrevia e submetia à discussão, com uma ausência de preconceitos e uma penetração admiráveis, a crise do judaísmo de língua alemã, tal como ela se manifestava em Viena."⁵⁴

Bicéfala, como o Império, a prosa austríaca do início deste século é elaborada em Viena, mas também em Praga. "A grande literatura de Praga deste século é escrita por judeus, escreve Claude David.⁵⁵ Os grandes nomes da literatura alemã da metrópole boêmia são Franz Kafka — Marthe Robert em *Sozinho como Franz Kafka* estudou a importância da judeidade na vida e na obra deste autor —, Max Brod militante sionista, amigo e editor de Kafka, Egon Erwin Kisch que publicou, em 1934, sobre a vida dos judeus em Praga *Geschichten aus sieben Ghetto*, e que, após a Segunda Guerra Mundial, tornou-se presidente honorário da Comunidade Judaica de Praga; Franz Werfel (1890-1945), amigo de Max Brod e

de Kafka,⁵⁶ que desposou Alma Mahler e interessou-se profundamente pelas relações entre o judaísmo e o cristianismo. Ele desenvolveu uma visão cristã de um mundo pervertido onde o indivíduo só pode ser libertado pela Graça. Como solução para o problema judaico, propõe a conversão dos judeus ao cristianismo.⁵⁷ Em 1928, publica seu livro consagrado a Paulo entre os judeus (*Paulus unter den Juden*) e, em 1942, o seu célebre romance *A canção de Bernadette*.⁵⁸ Ainda que sua obra e um de seus primeiros escritos *Die christliche Sendung* (1917) denotem a inclinação pelo cristianismo, Werfel no entanto jamais se converteu. “Sua religiosidade, essa fé patética que se entregava a experiências e hesitava estranhamente entre judaísmo e catolicismo, era verdadeira, sem nenhuma dúvida”, escreveu Klaus Mann que o conheceu pessoalmente.⁵⁹

A assimilação cada vez mais freqüente através da conversão ou do casamento misto, longe de ser percebida com entusiasmo pelos não-judeus que incessantemente haviam pedido aos judeus que apagassem suas origens, antes os inquietava. A desjudaização, imposta ou livremente escolhida, muitas vezes foi apenas um simples *slogan* incapaz de satisfazer sequer aqueles que a reivindicavam a ferro e fogo. Mesmo dissolvido na cultura ambiente, o judeu permanece judeu. Se, exteriormente, a sua judeidade pode ser apagada com facilidade, ainda que ele se converta, a sombra da judeidade não desaparecerá. Estrangeiro, estranho, inquietante, o judeu ainda é mais judeu na medida em que sua identidade é vivida como irredutível. Não é a *marca* judaica que deve ser apagada, mas o *traço* judaico obliterado. Desjudaizar o judeu, assemelha-se a essas terapias que se contentam com o desaparecimento do sintoma para concluir a “cura”.

Aprender o contexto onde estão compreendidas as relações de Freud com a germanidade, leva a concluir: não há diálogo *verdadeiro* entre judeus e alemães. E esse fracasso diz respeito essencialmente, quem sabe até exclusivamente, apenas aos alemães. Para terminar, daremos a palavra ao historiador G. Scholem: “o idílio dos alemães e dos judeus permaneceu unilateral e sem reciprocidade... Os judeus muito freqüentemente encontraram gratidão, mas quase nunca encontraram o amor que procuravam.

Num tempo em que ninguém se preocupava nem um pouco com eles, não se encontrou um alemão para reconhecer o gênio de Kafka, de Simmel, de Freud ou de Walter Benjamim — e menos ainda para reconhecê-los como judeus”.⁶⁰ Scholem ergue-se “contra o mito do diálogo judeu-alemão”, afirmando: “Nego que tenha jamais existido um diálogo judeu-alemão de alguma autenticidade, ou seja, que tenha tido uma realidade histórica.”⁶¹

A atitude de Freud quanto ao sionismo, e mais globalmente a maneira pela qual assume sua judeidade, nela mesma e com relação aos seus concidadãos austríacos, só é compreensível à luz das relações entre judeus e gentios nos países de língua alemã. Muitos desejaram a simbiose, mas só recolheram uma “osmose muito limitada”, segundo a expressão de Habermas,⁶² que manteve os judeus na categoria do corpo estranho. Essa situação representou um papel considerável nas motivações que permitiram a pensadores judeus, como Freud, Einstein

etc...⁶³ criar uma obra original. Mais do que o judaísmo, a judeidade está na origem do seu procedimento inventivo numa civilização da qual haviam abraçado os valores intelectuais e que lhes permanecia estrangeira. Para qualificar esse paradoxo, Freud empregou o termo *Unheimliche*. Sua obra permite compreender que o anti-semitismo não é um simples efeito de mutações políticas ou econômicas, como muitas vezes se crê, mas resulta de tensões e conflitos psíquicos, reais e fantasmáticos, que traduzem tão tragicamente as relações entre judeidade e germanidade.

CAPÍTULO II

FREUD, NACIONALISTA GERMÂNICO

Henri, que amarrava seu casaco na bicicleta, diz: "Depois dessas discussões, fica-me sempre uma insatisfação que chega a provocar uma sensação dolorosa no estômago. Na verdade, é isso. Elas não levam a nada. E além disso, o que significam as opiniões políticas de indivíduos que só as emitem por profissão ou interesse? Exercem elas alguma influência sobre a condução da vida, sobre a construção de uma existência? Você, Leo, assim como eu, nós dois nunca faremos outra coisa, nada poderemos fazer além de executar aquilo que no domínio do nosso ser e de nossas possibilidades nos é dado executar."

ARTHUR SCHNITZLER

Não devemos confundir sentimento judaico e sentimento sionista. O primeiro diz respeito à nação judaica, como povo, e não possui obrigatoriamente uma conotação nacionalista ou chauvinista, enquanto o sionismo exalta o sentimento nacional e reivindica uma terra.

Os judeus assimilados do século XIX descobrem que a assimilação é um engodo. Freud estará sempre consciente de que a assimilação completa é uma simbiose impossível.¹

Para certos judeus ateus, de cultura profundamente alemã, ocidental, o sionismo parece o único recurso positivo para afirmar sua identidade judaica, como se a criação de um território nacional viesse dissimular a ausência de cultura nacional, de essência religiosa para os judeus. Além disso, no início, os sustentáculos da ortodoxia judaica, os rabinos, chefes de comunidade, rejeitaram o sionismo, considerando incompatíveis por natureza o judaísmo e a criação de um

estado moderno à semelhança dos estados ocidentais. Não é o judaísmo, modo de viver com caracteres religiosos, que o sionismo garante, mas a judeidade moderna em busca de valores positivos. Herzl chegará a escrever em seu diário: "Estranhos caminhos do destino. Graças ao sionismo os judeus poderão de novo amar essa Alemanha à qual apesar de tudo nos prende o coração."²

Freud, tão prudente em comprometer-se politicamente, não poderia aceitar sem desconfiança uma experiência que iria permitir aos judeus desenvolver uma nova cultura, independente do pensamento religioso tradicional. Incontestavelmente, deseja que a cultura judaica não seja apagada da história, pois ela testemunha a grandeza de seu povo. Espera que o sionismo mantenha essa cultura. Mas não pretende viver nem "sobre", nem "a partir" de uma cultura nacional, ainda que judaica. Ele se pretende cidadão do mundo. Ora, o mundo rejeita o judeu.

Os historiadores percebem no final do século XIX e início do século XX, três possibilidades oferecidas aos judeus: rejeitar o judaísmo e assimilar-se convertendo-se ou não; engajar-se nas fileiras da ortodoxia do judaísmo, adversária do sionismo; ou aderir à renovação nacional judaica.

No seio do movimento psicanalítico, estão ilustradas a primeira e a terceira soluções. Adler, por exemplo, converteu-se e milita num partido político, enquanto Eitingon, Woolf, Bienenfeld, Eder, etc. tomam a defesa do sionismo. A classificação é todavia bastante sumária, pois é preciso dissociar, entre os "assimilados" aqueles que rejeitam qualquer vivência judaica, e algumas vezes se convertem, daqueles que abandonam qualquer referência ao judaísmo mas se sentem judeus sem no entanto militar por uma renovação nacional judaica, como Freud.

Muitos se surpreenderam que Freud, sempre pronto a reivindicar sua origem, não tenha jamais "ultrapassado" esse simples reconhecimento, nunca se tenha inquietado com a realidade prática da identidade judaica nem tenha proposto qualquer remédio para a trágica dificuldade dos judeus viverem em território austríaco ou alemão.

Muito antes do sionismo político de Herzl, Freud declara, em inúmeras oportunidades, a sua convicção nacional judaica. Esta não encobre, aos seus olhos, nenhuma ideologia política precisa, mas uma oposição entre dois sentimentos de identidade coletiva que não leva obrigatoriamente, pelo menos para um judeu como Freud, a considerar o problema do sionismo. As afirmações de Freud, em casa de Charcot, a Gilles de la Tourette, "eu logo lhe fiz saber que nem era alemão nem austríaco, mas judeu. Esse gênero de conversa me é sempre muito desagradável pois sinto agitar-se em mim alguma coisa de alemão que, há muito tempo, decidi abafar",³ não traduzem uma preocupação sionista mas se referem às polêmicas sobre germanidade-judeidade que mencionamos anteriormente.

Em outros momentos, Freud expressa o seu antinacionalismo judaico e sublinha sua oposição à exaltação⁴ de um sentimento nacional sionista. Ele tenta esclarecer esse sentimento aos próprios judeus. Em seu prefácio à edição hebraica de *Totem e Tabu*, proclama claramente: "não compartilho dos ideais nacionalistas",⁵ acrescentando que permanece judeu e não pretende mudar esse estado.

As afirmações de Freud dizem respeito apenas à sua judeidade e aos seus laços com a germanidade. No que diz respeito ao patriotismo, no sentido político, em nada o opõe à identidade judaica, correspondendo cada um a preocupações de natureza diferente.

Freud jamais manifestará sentimentos nacionalistas extremados, conforme testemunham suas declarações pró-austríacas no início da Grande Guerra e suas opiniões sobre o sionismo. Todavia, estudante, alimentava sentimentos pangermanistas. Ele o confessa a si mesmo pelo menos duas vezes em *A interpretação dos sonhos*. Essas afirmações não suscitaram a atenção que mereciam. Na análise do seu sonho "O conde Thum", Freud descreve os primeiros anos de sua vida de estudante. "Discutia-se em um grupo de estudantes alemães,⁶ as relações da filosofia e das ciências naturais..."⁷ Depois: "Eu era então um fedelho cheio de doutrinas materialistas e defendi esse ponto de vista de forma bastante exclusiva. Um de meus camaradas, mais velho e mais reflexivo, que depois demonstrou saber conduzir os homens e organizar as massas (e que aliás tem um nome de animal), combateu o meu ponto de vista; disse que ele também, filho pródigo, havia guardado porcos em sua juventude e havia retornado, arrependido, à casa paterna. Eu me enfureci (como no sonho), fui grosseiro (saugrob = grosso como uma porca), e respondi que, sabedor que ele havia guardado porcos, não me espantava a sua maneira de falar. (No sonho eu me surpreendo com minhas disposições nacionalistas.) Indignação geral; pedem-me que retire minhas palavras, recusei. O ofendido teve bom senso suficiente para tratar o caso como uma provocação e deixou ficar por isso mesmo."⁸

Freud também confessa ter sido, durante um período de sua juventude, um "grande nacionalista alemão".⁹ Essa tendência vai até mesmo de encontro a um certo judaísmo, conforme testemunha a declaração ao amigo Fluss: "Ah, por que você é um judeu prosaico, Emil? Aprendiz com sensibilidade germano-cristã têm, em ocasiões semelhantes, composto os mais belos poemas."¹⁰ Com um outro amigo de juventude, Eduard Silberstein, ele fala de sua desolação "pela decadência da pátria".¹¹

Freud então já está na universidade desde outubro de 1872. Graças à tese de William J. McGrath, *Wagnerianism in Austria: the Regeneration of Culture through the Spirit of Music*,¹² temos a certeza de que durante os seus anos universitários ele adere¹³ a uma associação pangermanista, a *Leseverein der deutschen Studenten Wiens*.¹⁴ Em sua biografia de Freud, Jones ignora essa participação política. Freud inscreve-se nela em 1873, ano em que entra para a Universidade e ali permanece até sua extinção em 1878.¹⁵ Durante esses anos, a associação estendeu consideravelmente sua influência sobre a população estudantil de Viena.¹⁶ Seu núcleo mais célebre foi o famoso círculo Pernerstorfer. Seus membros nesse período, representaram um papel significativo na vida política e cultural de Viena. Em seu relatório anual referente ao ano universitário 1876-1877, o *Leseverein* considerou-se "o centro intelectual e social dos estudantes germânicos de Viena".¹⁷

O *Leseverein der deutschen Studenten Wiens* propagava uma ideologia dionisíaca e antiliberal centrada principalmente nas idéias de Schopenhauer, Nietzs-

che e Wagner. A obra de McGrath, *Dionysian Art and Populist Politics in Vienna* oferece o melhor resumo de uma eventual influência do Leseverein sobre a obra e as idéias políticas de Freud, ainda que o autor só mencione o fundador da psicanálise em duas ou três oportunidades.

Essa adesão, num período essencial do seu desenvolvimento intelectual, influenciou as idéias de Freud. Provavelmente, as concepções psicanalíticas foram, em parte, suscitadas pelas teorias wagnerianas e nietzscheanas.¹⁸ Um dos que, no seio do Leseverein, discutem a obra de Nietzsche é o seu amigo Joseph Paneth (1857-1890) que P. L. Assoun qualifica de "primeiro intermediário".¹⁹ O Leseverein provavelmente permite a Freud um contato importante com as idéias de Schopenhauer.²⁰ Ali também sofreu a influência de Meynert que dá um caloroso apoio à organização e nela realiza com freqüência conferências sobre a psiquiatria. Freud falou de Meynert "como o gênio mais brilhante que jamais foi encontrado",²¹ e que, talvez, tenha contribuído para a escolha de sua especialização.

Freud também encontrará, dentro do Leseverein, seu amigo Solomon Ehrmann (1854-1926)²² que ele freqüenta desde 1874.²³ Muitas semelhanças aproximam os dois homens: judeus, estudantes de medicina na mesma época e membros da loja do B'nai B'rith — Ehrmann representará ali um papel ativo, e será a sua "principal voz" em Viena²⁴ —, eles apregoam um "judaísmo idêntico, longe dos dogmas religiosos e próximo de seus ideais humanitários e universais".²⁵

Um ano depois de Freud, 1874, Ehrmann se junta ao Leseverein para dele se afastar em 1876, dois anos antes de sua dissolução. Ehrmann considera que o anti-semitismo perturbou as relações entre judeus e alemães (não-judeus) e que o surgimento do sionismo responde a esse ódio.²⁶

Entre os próximos de Freud, seu "melhor amigo em Viena",²⁷ Leopold Königstein (1850-1924), também ele membro do B'nai B'rith,²⁸ participa do Leseverein. Königstein parece ter sido o único membro do Leseverein a freqüentar em seguida o meio psicanalítico — ele está presente ao congresso de Salzburgo em 1908.²⁹

Os que aderiram ao Leseverein forma atraídos pelo espírito nacionalista alemão. Freud não foi exceção à regra. As observações anteriormente citadas de *A interpretação dos sonhos* são mais facilmente compreendidas quando se conhece a participação de Freud nesta associação.

Qualquer nacionalismo é potencialmente perigoso para o judeu. Exacerbado, ele facilmente escorrega para um sectarismo racial, quem sabe até racista, de que os judeus são as primeiras vítimas. No próprio seio do Leseverein, certos membros desenvolveram um nacionalismo que os levou a expressar afirmações anti-semitas. Foi este o caso de Billroth, a quem Freud no entanto admirava,³⁰ com *Über das Lehren und Lernen der medizinischen Wissenschaften an den Universitäten der deutschen Nation nebst allgemeine Bemerkungen über Universitäten: Eine kulturhistorische Studie*, publicado em 1876, e também com *Prof. Dr. Billroth Antwort auf die Adresse des Lesevereins der deutschen Studenten Wiens*, editado em Viena em 1875. Neste texto Billroth escreve: "Freqüentemente se esquece que os

judeus são uma nação claramente definida e que um judeu — tão insignificante quanto um persa, um francês, um neozelandês ou um africano — nunca se pode tornar um germano. Tudo que significa judeu alemão, é apenas pura coincidência devida à fala alemã, ao fato de serem educados na Alemanha... Eles perdem tanto as suas tradições nacionais judaicas quanto os alemães perdem suas maneiras alemãs, pouco importa onde vivam... Assim, não é conveniente nem desejável que os judeus jamais se tornem nacionalistas germanos ou participem de combates como fariam os próprios alemães. Além de tudo, não é possível que eles possam ser sensíveis à influência (acumulada) do romantismo medieval onde as nossas sensibilidades germânicas — mais do que gostaríamos de admitir — estão ancoradas; pois, os judeus não têm nenhuma ocasião de refletir com um prazer particular sobre a Idade Média alemã... Para mim é evidente que, a despeito de qualquer reflexão e simpatia individual, sinto profundamente a clivagem entre um sangue puramente germano e um sangue puramente judeu."³¹

Victor Adler criticou essas afirmações no seio do Leseverein, ainda que não experimentasse, com respeito às suas origens judaicas, os mesmos sentimentos que Freud.³² Como membro do Leseverein, responde a Billroth. Reconhece que durante séculos, os judeus não participaram da vida alemã, mas considera que as coisas mudaram. Recusa a conclusão de Billroth segundo a qual os judeus não podem se engajar pelos combates nacionalistas alemães, e pensa antes que "eles podem ser um fator importante no desenvolvimento da nação alemã".

Os judeus do Leseverein recusam as idéias de Billroth. No entanto, o comitê executivo da associação, de que Adler fazia parte, publicou uma resolução desaprovando a agitação judia contra Billroth. A maioria dos membros da sociedade fez publicar um comunicado de elogios à sua luta em favor do nacionalismo germânico.

Não se conhece a posição de Freud sobre esse caso, ele nunca o menciona em seus escritos públicos ou pessoais, no entanto, não o ignorava; ele jamais questionou sua adesão, tão intenso era, provavelmente, o desejo de ser reconhecido entre os membros da nação alemã e de não deixar crer que sua judeidade pudesse, como quer que fosse, ser um obstáculo a essa integração. Alguns anos mais tarde, sua obra sendo então taxada de "ciência judaica", Freud assumirá, de alguma forma, a mesma atitude; tentará elevar ao posto mais alto do movimento que criou, Jung, um não-judeu, sem todavia deixar de reivindicar os laços com seu povo. Acrescentemos porém que essa escolha não foi motivada pelas origens não judaicas desse aluno, mas em primeiro lugar pelo seu valor científico.

Assinalemos também, a propósito do anti-semitismo no seio do Leseverein, as relações do célebre anti-semita Schönerer com essa associação.³³ O anti-semitismo teve realmente um impacto sobre o círculo Pernerstorfer,³⁴ que contava com certos membros, como já vimos, de origem judaica.³⁵ Pouco a pouco, sobretudo imediatamente antes da dissolução do Leseverein, os estudantes judeus foram considerados por seus camaradas germanos não-judeus, como inimigos. A maioria dos membros da sociedade dissolvida se unirá à sociedade rival: *Akademische Lesehalle*, a qual Herzl, como veremos em seguida, irá aderir. Mais

nacional. Suas observações também indicam, contrariamente ao que afirmam certos autores, que sua adesão ao Leseverein de modo algum traduz uma recusa de sua judeidade, uma espécie qualquer de negação, mas pelo contrário, é um engajamento complementar.

Muitos judeus como Freud, Ehrmann, Königstein, Adler, Friedjung, etc..., haviam aderido ao Leseverein. Eles alimentavam a esperança de uma integração completa dos judeus no seio do Império, de uma comunidade universal onde as diferenças de origem — mais do que de raça — seriam abolidas. Estavam afastados de qualquer crença religiosa, rejeitavam o judaísmo como modo de vida judaico; alguns não experimentavam qualquer sentimento judaico, eram convertidos, outros, pelo contrário, afirmavam sua judeidade. Se alguns se afastaram do nacionalismo alemão, todavia não abandonaram completamente a esperança de uma integração social enquanto judeus. Bem após o desaparecimento do Leseverein, nem todos haviam necessariamente rejeitado suas concepções — que não eram apenas nacionalistas —, nem conclamado a um “retorno” ao seio da comunidade judaica ou ao seio do judaísmo. Para Freud, a passagem pelo Leseverein não pôs em questão sua judeidade. Ele não parece ter sido “mais” judeu depois do que antes dos anos 1873-1878. Estes anos permitiram-lhe constatar a ilusão do nacionalismo, sobretudo para um judeu.

A atitude de Freud está inserida num movimento que toma impulso, entre os judeus de sua época, em todo o Império Austro-Húngaro. Eles querem ser reconhecidos como germanos, tchecos, húngaros, poloneses etc... Esse reconhecimento não significa assimilação nem rejeição da judeidade. Muito pelo contrário, assim como os sionistas, os judeus nacionalistas repelem a assimilação completa e trabalham por uma tomada de consciência entre os seus correligionários. Seu nacionalismo, evidentemente, opõe-se ao nacionalismo dos sionistas. Nesse final de século, Freud pretende uma Áustria supranacional.⁴⁵

Mais do que por suas próprias declarações, é pela adesão ao Leseverein que conhecemos o episódio nacionalista de Freud. Medir o significado exato desse nacionalismo não é fácil. Pelo contrário, a quase inexistência, durante os seus anos universitários e posteriormente, de afirmações nacionalistas, permite supor que sua atitude nada tem de chauvinista. Nesse nacionalismo do Leseverein — que não poderia ser comparado ao nacionalismo francês do final do século passado e início deste — a dimensão cultural é essencial: ele pretende reunir, não separar.

Para terminar, perguntamo-nos que influência teve esse episódio nacionalista sobre sua obra, em sua vida, e se representou um papel qualquer nos seus posicionamentos sobre o sionismo. A resposta só pode ser breve e clara: nem em sua obra, nem em suas opiniões políticas gerais, nem em suas declarações sobre o sionismo, não percebemos, como iremos ver, a presença de sentimentos nacionalistas tais como se expressavam no Leseverein. É antes o contrário que se afirma: Freud declara-se muito desconfiado frente a qualquer nacionalismo que se assemelhe àquele que conheceu em sua juventude.

A experiência do Leseverein constitui, para Freud, um antídoto para qualquer sentimento nacionalista. Ela também o vacinou, provavelmente, contra qualquer engajamento político. Toda a sua vida Freud adotou uma posição liberal, individualista que contrasta com as paixões nacionalistas e antiliberais do Leseverein. A experiência de Freud dentro dessa associação que valorizava, segundo a expressão de McGrath “o mundo caótico emocional e comunitário”, simbolizado por Dionísio, provavelmente não deixou de agir em sua reflexão sobre as “massas”, e sua reticência pessoal com respeito às multidões não é estranha a esse episódio. Os grandes partidos políticos de sua época, a social-democracia de Victor Adler, o social-cristão de Lueger e o pangermanismo de Schönerer adotam, nos anos 1880, um “novo tom”: eles apelam para o estilo emocional (McGrath) para se assegurarem do apoio das massas. Adler e Schönerer foram diretamente influenciados pelo Leseverein.⁴⁶ Quanto a Lueger, ele se associou às idéias de Schönerer.⁴⁷ Para esses dois últimos, o anti-semitismo torna-se o instrumento capaz de galvanizar as multidões; em seguida Hitler vai saber explorar esse exemplo.

Quanto ao emocional sobre o qual insistia o Leseverein, Freud passou a vida a estudá-lo, a conferir-lhe sua verdadeira dimensão. Mostrou sua presença nas mais íntimas manifestações do ser humano, mas ao mesmo tempo, através de suas descobertas da organização psicosssexual, limitou o seu alcance caótico e anárquico. Em outros termos, ele expressa que o emocional, o desejo, diríamos hoje, longe de constituir por natureza uma força livre de qualquer entrave, submetido às exigências de uma realidade tanto interna quanto externa, está submetido a uma ordem “natura-cultural”, e que suas manifestações mais fragmentadas, as mais diretas, longe de serem a emanação de liberdade interior, da verdade “primeira”, resultam antes de entraves que limitam a autonomia individual e tornam suspeitos os apelos diretos às obscuras forças interiores.

Freud é bem filho do seu século, como Wagner, Nietzsche, Mahler, Hofmannsthal, Klimt etc... Ele se interessa pelo mundo da emoção, mas à diferença desses autores, não o erige em mito. Quaisquer que sejam as similitudes constatáveis entre a obra de Freud e a emergência, no final do último século, de preocupações e sensibilidades para a exploração do mundo interior e estranho do ser, uma diferença fundamental as separa: Freud “introduz” a *Lei*, que ao mesmo tempo estabelece os limites a que estão submetidas as pulsões humanas, e demonstra igualmente que o respeito a esta Lei também significa liberdade para vivê-las plenamente.

CAPÍTULO III

FREUD E A GERMANIDADE

Henri franziu, com desprezo, os cantos de sua boca. "Assimilação..., uma palavra... Sim, ela virá, não como muitos desejam... nem como alguns temem... não será exatamente a assimilação... mas talvez algo adivinhado por esta palavra. Sabeis então o que finalmente se revelará? Que nós, quero dizer, nós os judeus, de algum modo teremos sido um fermento da humanidade. Sim, isto surgirá talvez em mil, dois mil anos. Um consolo, pensais!" Ele ri de novo.

ARTHUR SCHNITZLER

Freud sempre proclamou apego à sua identidade judaica. Ele constantemente o menciona no decorrer de sua vida, conforme testemunham milhares de cartas de sua correspondência particular. Tampouco se priva de indicá-lo em seus escritos, como no início da autobiografia: "Meus pais eram judeus, eu permaneci igualmente judeu."¹ Apesar das acusações dirigidas à sua obra de ser uma "ciência judaica", não teme afirmar que sua condição de judeu não é estranha à descoberta da psicanálise.² Theodor Reik censurou Jones por não ter atribuído importância suficiente à judeidade de Freud na monumental biografia que lhe consagrou.³ No entanto, o gentio Jones "não deixou de dizer aos ingleses que Freud era judeu antes de ser alemão".⁴ Wittles afirma que "na sociedade alemã seu destino (o de Freud) de judeu o fez sofrer desde cedo esses sentimentos de inferioridade inevitáveis em qualquer judeu alemão".⁵ É verdade que sofreu um pouco com o anti-semitismo, talvez mais do que seu pai, conforme narra em *A interpretação dos sonhos*. Quanto ao sentimento de inferioridade, não parece tê-

lo verdadeiramente experimentado, segundo diz: “enquanto judeu, devia sentir-me inferior... recusei categoricamente (este)... ponto”.⁶

Freud tampouco sentiu-se dilacerado por uma dupla pertença, nem excessivamente preocupado em determinar o que implicava a sua escolha de se definir como judeu antes de tudo, menos ainda de justificá-la ou de justificar-se. Judeu em primeiro lugar e essencialmente, esse sentimento de Freud também traduz o sentimento dos judeus austríacos e alemães. Por isso, não se pode compreender verdadeiramente o alcance e o significado de suas palavras, já citadas anteriormente, a Gilles de la Tourette, senão inserindo-as nessa história tumultuosa das relações entre judeus e austro-alemães, mais amplamente ainda entre judeus e gentios no Ocidente a partir da época moderna.⁷ O que caracteriza essa história é que, adepto do que se chamou simbiose germano-judia, ou, pelo contrário, defensor de uma autonomia total do judaísmo, ou ainda, partidário da assimilação completa ou da conversão, aparece esboçada sempre a mesma conclusão: o judeu confronta-se constantemente com sua identidade, como se pertencesse à “natureza” da judeidade manifestar-se frente ao outro gentio. Ela pode ser recalçada, mas nunca escotomizada completamente. Que “o outro” tenha representado um papel importante para afirmar que nenhum judeu escapa à marca deixada por seus pais, não resta a menor dúvida. Mas seria um procedimento muito complacente imaginar que “o outro” vem sozinho lembrar ao judeu a sua condição. Ele mesmo, conscientemente ou à sua revelia, encarrega-se disso, como se “de nada adiantasse renunciar ao seu judaísmo”, para retomar as palavras do poeta Kurt Tucholski, no momento em que o abandonou.

Assim, não nos surpreendamos ao encontrar, sob a pena de um judeu convertido como Arnold Schoenberg, afirmações semelhantes às de Freud. Em 1923, Schoenberg escreveu a Kandinsk: “não sou alemão, nem europeu, talvez nem mesmo um ser humano, mas um judeu”,⁸ o que o levou a “reencontrar” a identidade de seus ancestrais.⁹ Quanto ao vienense Gustav Mahler, judeu e convertido, — que conheceu Freud durante o verão de 1910 —¹⁰ declarou-se: “Três vezes sem pátria, sou boêmio entre os austríacos, austríaco entre os alemães e judeu entre os povos do mundo.”¹¹

A questão das relações do judaísmo e da germanidade está fortemente presente na troca epistolar Freud-Arnold Zweig. Este expressa uma posição que não deixa de apresentar semelhanças com a de Walter Benjamin, já citada anteriormente. Zweig pretende-se, ao mesmo tempo, germano e judeu, e às vezes tenta se atribuir as duas atitudes. Freud aborda esse problema com ele. Zweig responde-lhe: “Você abordou dois pontos difíceis, sobre os quais tenho refletido muito. Minha relação com a Alemanha, com minha germanidade (Deutschum), minha relação com os judeus, com o judaísmo em mim e no mundo, e com a Palestina.”¹²

Freud, pelo contrário, não se sente absolutamente alemão (carta a Zweig de 08/05/1932). “É uma grande loucura”, diz ele, “acreditar que devemos ser alemães”.¹³ Os germanos não lhe parecem inspirar sentimentos muito positivos. A respeito do Otto Gross, ele escreve a Jung em 19 de abril de 1908:

“Tenho uma grande simpatia por sua mulher, uma das únicas germanas que já me agradou.”¹⁴

Freud não tem o sentimento de estar dividido entre germanidade e judaísmo, e não considera que lhe diga respeito o suposto diálogo judeu-alemão. Para ele a cultura não tem fronteira, assim como a sua obra, ele a concebe universal, o essencial encontra-se naquilo que ela traduz da verdade humana. Quanto à sua identidade, ela a sente como judia, judeidade particular que recusa limitar-se a um nacionalismo qualquer, seja ele germânico, judeu ou germano-judeu.

Sobre o lugar do judeu na Áustria ou na Alemanha, Freud nunca alimentou ilusões. Se lê com interesse a obra de Arnold Zweig *Bilanz der deutschen Judenheit* (1934) (*Balanço do judaísmo alemão*) — considerando a importância atribuída a esse problema um pouco exagerada —,¹⁵ não se define como um representante do judaísmo alemão. Considera a identidade judaica sob seu aspecto mais originário, e o gentio na sua acepção mais ampla. Para abordar o assunto escreverá *Moisés e o monoteísmo*, na linhagem das diversas obras consagradas ao judaísmo e à gentilidade, ilustradas pelos artigos de Goldstein, Lissauer, etc... já citadas, ou pelos livros de Hermann Cohen, *Germanidade e judeidade* (1915),¹⁶ de Jakob Wassermann, *Mein Weg als Deutscher und Jude* (1921)¹⁷ ou o do próprio Zweig etc... Freud aliás escreverá a este último: “o ponto de partida de meu trabalho lhe é bastante conhecido: era o mesmo para o seu *Balanço*” (30/09/1934).¹⁸ Confissão capital com respeito à descoberta da psicanálise.

Ele sentirá sua identidade austríaca sobretudo durante a Primeira Guerra Mundial. E “doa toda a sua libido à Áustria-Hungria”.¹⁹ Desde o início da guerra, afirma ter “o sentimento de ser austríaco” (26/07/1914).²⁰ Irá sentir-se um fervoroso patriota: “as vitórias alemãs proporcionaram-nos uma firme sustentação moral, e ficamos muito violentamente agitados à espera das nossas” (03/09/1914).²¹ Seus filhos estavam então no *front*. Ele se alegra com as derrotas inimigas: “estamos bastante tranquilizados pela completa derrota dos russos na Prússia oriental” (13/09/1914).²² Sua querida Inglaterra “encontra-se do lado errado” (02/08/1914).²³

Terminada a guerra, confessa a Ferenczi: “no que diz respeito à derrocada da velha Áustria, só posso rejubilar-me profundamente. Infelizmente, não me considero um austro-alemão nem um pan-alemão” (09 de novembro de 1918).²⁴ Ele não está ligado à velha Áustria nem a um nacionalismo austríaco qualquer. Não se sente muito ligado à sua nacionalidade austríaca, com tanta dificuldade atribuída aos judeus no passado.²⁵ Após sua partida de Viena, apreciará que o autor de *O homem invisível* tenha a intenção de apresentar ao Parlamento uma moção para atribuir-lhe imediatamente a nacionalidade britânica.²⁶

Seu patriotismo é bem frágil. Ele só se expressa verdadeiramente num único período de sua vida, no início da Primeira Guerra Mundial. Antes, como depois desse período, ele jamais irá considerar sua nacionalidade austríaca como inalienável. Muito cedo em sua vida, já sonha em deixar a Áustria e clinicar num outro país antes mesmo de ter terminado seus estudos médicos. Sua escolha vai, em

primeiro lugar para a Inglaterra: "Mas eu não posso continuar meu trabalho científico dessa maneira, devo ampliar meus conhecimentos e terminar minha medicina o mais rápido possível, a fim de tornar-me independente e clinicar, provavelmente na Inglaterra onde tenho família" (carta a Martha, 5 de outubro de 1882).²⁷

Certamente, o fato de ter família na Inglaterra — seu meio-irmão Emmanuel — contribui para sua escolha, mas é antes o amor por esse país que o leva a pretender ir para lá. Em carta — citada por Jones — à sua noiva, Freud expõe longamente as razões de sua decisão: "Espero tornar-me daqui a dois meses um médico em quem as pessoas poderão ter confiança e começarei por tentar minha sorte em meu país natal. Se isto não ocorrer rapidamente, o que é provável já que um médico jovem tem necessidade de capital e eu não possuo nenhum, emigrarei para a Inglaterra ou talvez para a América ou a Austrália."²⁸

Freud parece ter encarado seriamente a possibilidade de instalar-se na Inglaterra. Quando da primeira visita que fez ao célebre Nothnagel, deu-lhe ciência desse desejo.²⁹ O que então descreve da Inglaterra opõe-se ao que freqüentemente irá dizer da Áustria, mesmo em seu período "chauvinista". Durante toda sua vida, a Inglaterra permanecerá o país onde "é bom viver", ainda que às vezes pense em partir para outro país,³⁰ a América ou a Austrália, por exemplo, em virtude das possibilidades que esses novos países, em plena evolução, oferecem, acredita ele, a jovens médicos sem recursos. De fato, jamais pensará seriamente em emigrar para a Austrália, enquanto certamente o fará em relação a América, conforme testemunham as cartas enviadas a Martha em 1883 e em 1885 e as respostas desta.³¹

Toda sua vida, ele permanecerá um "anglófilo convicto", segundo sua própria expressão.³² Se aprecia a pátria de Cromwell por razões familiares e culturais, é sensível sobretudo à liberdade que ali reina e, principalmente, à situação tranqüila dos judeus. Nesse país, à diferença da Áustria ou da Alemanha, "os judeus são bem aceitos, são todos intensamente patriotas".³³

A Inglaterra aparece como o "paraíso" do judeu, pelo menos como o país da Europa onde, no tempo de Freud, os judeus podem viver em total liberdade sem sofrer as discriminações e vexames de que são vítimas os seus correligionários austríacos ou alemães. Só nos anos 1920 é que Leon Poliakov pode indicar os sinais de uma nova "moda anti-semita". Esta foi desencadeada pelo caso Dreyfus: "Enquanto no seu conjunto, a imprensa britânica disparava contra as iniquidades da justiça francesa, a minoria católica simpatizava com os correligionários de além-Mancha, e alguns artigos antijudeus, atribuídos a jesuítas ingleses, foram publicados a partir de 1898-1900. Mas com o advento de Eduardo VII em 1901 é que o clima começou a agravar-se seriamente."³⁴ E o historiador do anti-semitismo conclui: "Em todo caso, e quaisquer que tivessem sido as desordens de nossa época e a decadência política e econômica da Grã-Bretanha, os ingleses, a exemplo de sua rainha, souberam conservar sua arte de deixar cada um viver à sua maneira — mas guardando as devidas distâncias. E como tantas outras criações inglesas, a moda anti-semita dos anos 1917-1922 deixou vestígios, sobretudo,

através dos sete mares, na qualidade de artigo de exportação."³⁵ A Grã-Bretanha permaneceu, portanto, ao abrigo dos desencadeamentos anti-semitas que cada vez mais se espalharam pela Europa no início deste século.³⁶

Principal terra do asilo dos psicanalistas judeus, fugindo do nazismo, acolheu alguns deles até a morte, e outros para uma escala antes dos Estados Unidos. Eder, Jones e Glover organizaram a permanência de seus colegas estrangeiros.³⁷

Quanto a Freud, foi recebido com honras, como psicanalista, e celebrado enquanto judeu (por Lord Balfour).³⁸ Compreendemos que Freud tenha se sensibilizado com o acolhimento inglês; judeu e inventor da psicanálise, ele não podia esperar melhor consagração.

De fato, Freud, instalado como médico em Viena, elaborando sua obra, jamais pensou seriamente em abandonar a Áustria. Aliás, hesitará durante muito tempo antes de partir, enquanto o país escorrega para a ideologia nacional-socialista e os nazistas "desembarcam" em Viena.

A Áustria, para ele, é Viena, capital dos paradoxos que permitiu-lhe desenvolver suas concepções ao mesmo tempo que o manteve num relativo isolamento. Abandonando o país e sua capital onde havia vivido toda a vida, Freud declarou que nunca se deixa de amar a prisão de onde se foi libertado. Mas Viena, para ele, não representa o símbolo da germanidade. Ela aparece carregada de sentimentos contraditórios, cidade mais de gentios que de germanos.

Não iremos, nestas páginas, estudar as relações ambivalentes de Freud com relação a Viena. Vários estudos foram consagrados a esse assunto. Nós nos contentaremos em remeter a eles os leitores desejosos de aprofundar a questão.³⁹

Até a chegada dos nazistas, Freud nunca havia experimentado uma verdadeira contradição em considerar-se austríaco, de cultura alemã e judeu. Ele sempre reivindicou essa última identidade sem por isso ter a impressão de separar-se de seus correligionários austríacos, judeus ou alemães, a questão, aos seus olhos, não é uma questão e ele jamais quis debatê-la. Se sua identidade judaica nunca constituiu um problema, o sentimento de pertença à Áustria, por outro lado, foi recolocado em questão no final de sua vida. Sua cidadania é muito mais imposta pela realidade do que elaborada intelectualmente. A ascensão do nazismo, contrariamente ao que pensa Paul Roazen, não exacerbou sua veia judaica. Se escreveu *Moisés e o monoteísmo*, não foi em virtude dos acontecimentos políticos e anti-semitas que então sacodem a Alemanha e ganham a Áustria, mas porque esse livro responde a uma necessidade pessoal de longínquas origens.⁴⁰ Em seguida, a rejeição da germanidade antes parece uma escolha política definida do que a recusa de uma identidade e sua herança. Seus laços prendem-no sobretudo à cultura alemã, à língua que ele tanto amava e manejava admiravelmente. Com certeza, numa certa medida, sentia-se austríaco, ligação bastante compreensível com o país onde passou toda a sua existência, nele construindo uma obra considerável. Mas nunca afirmou sentimentos nacionalistas — pelo menos após os seus estudos universitários —, quando muito, sente-se austríaco durante a Primeira Guerra Mundial. Mas, ele esclarece então, ser essa a primeira vez depois dos trinta anos que experimenta tal sentimento.

Sua ausência de inclinação pela germanidade,⁴¹ não resulta em Freud da valorização do sentimento judaico. Ele proclama muito simplesmente que é judeu, sentimento que não precisa ser discutido; em seguida pergunta-se o que a germanidade pode lhe oferecer enquanto judeu. A partir daí, o judeu deverá determinar-se. Ele nos parece ter percebido muito bem que o verdadeiro problema, a verdadeira simbiose, dizia respeito simplesmente à judeidade e à gentilidade. Atribuía essencialmente a esta última o dever de oferecer soluções para o judeu viver plenamente sua germanidade. Que o gentio aceite o judeu sem restrições, e este último será patriota: “Na Inglaterra, na França e especialmente na Itália”, continua ele, “onde os judeus são bem aceitos, são todos intensamente patriotas”.⁴²

Freud sempre se opôs a qualquer assimilação que implicasse no desaparecimento da identidade judaica. Se podemos perceber numa longa carta que escreveu a Martha (16 de setembro de 1883) a respeito do suicídio de seu amigo judeu Nathan Weiss (1851-1883), assistente na clínica neurológica de Viena, uma de suas primeiras críticas contra esse processo,⁴³ parece-nos, também evidente, e a maneira pela qual vivia sua identidade judaica antes de 1883 demonstra isso muito bem, que ele jamais teve a ilusão de poder resolver desse modo as suas dificuldades para viver num país cristão.

Se a “marca” imediata de sua condição pode desaparecer com a conversão, o traço que lembra ter o ancestral mais próximo suas origens no “povo deicida” persiste, como se para aqueles que pretendam a assimilação através da conversão qualquer mudança verdadeira só se efetuasse realmente ao termo de um percurso que começava pela conversão e terminava pelo seu aniquilamento, pelo desaparecimento de qualquer traço que pudesse significar a origem.

E a assimilação completa do judeu — com ou sem conversão —, a assimilação “bem-sucedida” que não mais notificaria a origem judaica, não deveria ser compreendida como um processo histórico familiar, filiativo que implicasse necessariamente várias gerações? Os exemplos de judeus — mesmo na Idade Média — que, através de sua conversão, obtiveram uma “igualdade íntima” com seus novos correligionários são raros. Se o Ocidente cristão pedia-lhes ou mesmo exigia sua assimilação por conversão, esta não os dispensava contudo de serem olhados como judeus. Pois mais do que uma marca, a judeidade é um traço que apenas o esquecimento, após o desgaste do tempo, apaga.

A rejeição do judeu levou Freud a freqüentar essencialmente os seus iguais. O judeu reivindicava sua integração plena; ele não queria ser aceito a qualquer preço. A recusa do mundo gentio em acolher o judeu não foi sentida por este, em geral, como uma ferida narcísica. A exclusão, em conseqüência, acentuou a riqueza que o judeu podia tirar de sua vivência. Ele tomou consciência disso, e longe de sentir-se banido, antes constatou que o outro não podia aceitá-lo enquanto outro: estrangeiro, ele inquietava. Sua integração não significou adesão completa aos ideais da cultura de pertença do mundo gentio. Pedia-se aos judeus incorporarem-se, fundirem-se no *Ideal* gentio, renunciarem assim à própria espiritualidade, às próprias referências culturais, aos seus valores quotidianos.

Freud atribui ao caráter judaico traços que considera específicos. Ele não se opõe verdadeiramente a nenhum caráter alemão ou austríaco.⁴⁴ A dicotomia central, para ele, aparece entre judeus e gentios.

O conceito de “judeu” no mundo ocidental remete a uma ressonância não-judaica, cristã, que lhe está indissociavelmente ligada: parece-nos que Freud desse modo a estendia, para além de uma realidade austríaca, alemã ou outra qualquer, a um território mental que não adota os contornos das geografias nacionais. Formulado em termos de simbiose ou de diálogo judeu-alemão, o problema permanece mal colocado e as análises propostas, incompletas, recalcando o sentido verdadeiro: as relações entre judeidade e ocidentalidade. Mas eis aí uma questão de fundo que necessita uma interrogação sobre a história do Ocidente de dois mil anos para cá, principalmente sobre a emergência do cristianismo na história e suas conseqüências, não apenas sobre a identidade judaica, mas também sobre o olhar lançado pelos gentios sobre o judeu. A partir dessa época se esboça uma estrutura mental específica, tanto um imaginário quanto um simbólico, que explicaria ao mesmo tempo a identidade judia — pelo menos alguns de seus aspectos — e as relações entre judeus e gentios.

Através de sua obra, Freud ilustra esse problema. A psicanálise como qualquer criação, está inscrita numa dinâmica histórica que assinala o seu objeto inconsciente. Existe uma relação quase estrutural entre a judeidade ocidental e o gentio. Para Freud, o problema entre judaísmo e germanidade, nada mais é que um avatar da relação entre judeidade e gentilidade, compreendidas não como conteúdo de pensamentos específicos, mas como oposição da vivência judia profunda com sua dimensão filiativa e a vivência do outro gentio, ambas indissociáveis, sempre sob influência recíproca.

Que em geral sintam-se mais judeu do que austríaco não significa que deva necessariamente trabalhar pelo renascimento de um Estado para o povo judeu. Ele opõe a judeidade e a germanidade no plano da identidade, sem jamais extrair todas as conseqüências de suas posições, caso contrário seria obrigado a abordar a questão política. Sua obra o impede, de alguma forma é a ela que cabe a tarefa de superar o dilema, de apagar as fronteiras, maneira freudiana de resolver o problema.

O povo judeu possui, para Freud, uma especificidade psicológica, uma “essência”,⁴⁵ um “comum ... miraculoso ... inacessível a qualquer análise”.⁴⁶ Sua visão da nação judaica nunca implicou, necessariamente, qualquer nacionalismo judaico, quer se tratasse do sionismo ou de outro projeto visando o estabelecimento de uma terra para o povo judeu. Sua adesão ao sionismo, assim como tentaremos demonstrar, não é de modo algum alimentada pelo nacionalismo, e menos ainda pelo chauvinismo. Seu “sionismo” está longe das considerações históricas ou sociológicas próprias ao fenômeno. O conceito de Estado-nação, referência mais ou menos explícita a qualquer compreensão dos nacionalismos, lhe é estranho.

Entre os próximos de Freud que escreveram sobre o tema das relações entre judeus e alemães, podemos citar o nome de Rudolf Bienenfeld (1886-1961),⁴⁷

que, sob o pseudônimo de Anton von Mueller, publica em 1934 *Deutsche und Juden*; Bienenfeld, jurista de formação, possuía uma ótima reputação em Viena. Figura muito ativa no seio do judaísmo vienense e importante militante sionista, ocupou a presidência da seção austríaca do Congresso Judaico Mundial, sucedendo a Robert Stricker. Em 1939, emigrou para a Inglaterra, ali trabalhou no Congresso Judaico Mundial e tornou-se membro de sua comissão executiva. Em 1947, publicou *Rediscovery of Justice*, livro em que aborda a questão da "reparação" alemã, consecutiva ao nazismo.⁴⁸

Bienenfeld não foi membro da *Sociedade Psicanalítica de Viena*, ainda que estivesse em estreita relação com a psicanálise e que Freud o recomendasse.⁴⁹ Uma das raras menções de Bienenfeld nos escritos psicanalíticos aparece nas *Minutas da Sociedade Psicanalítica de Viena*, nas sessões de 16 de novembro de 1910, onde se trata de sua nomeação: "O Presidente faz em seguida a leitura de uma carta do Sr. Bienenfeld, doutor em direito, que pede para ser admitido na Sociedade dando como referência o prof. Freud. Levantando-se muitas vezes contra essa candidatura, o Presidente vê-se levado a deixar a questão em aberto por algum tempo e expressa o desejo de que em casos semelhantes a melhor solução seja o candidato retirar sua candidatura."⁵⁰ Não se sabe por que Bienenfeld não foi aceito.

Um personagem como Bienenfeld ajuda-nos a compreender melhor o "círculo" de Freud, e a constatar quanto, através de suas relações, o fundador da psicanálise se "embebia" numa atmosfera onde as questões judaicas, comunitárias ou sionistas estavam presentes.

Entre os discípulos de Freud, Bernfeld muito cedo interessou-se pelo problema da judeidade-germânica. Sobre o perigo anti-semita na Alemanha, sua obra traduz uma dimensão que se pode qualificar de visionária. No livro *Sísifo ou os limites da educação*, publicado em Viena em 1926, Bernfeld atribui ao cidadão Maquiavel, ministro da Educação nacional, a política diabólica de inventar um inimigo a fim de realizar a unidade da nação: "Mas onde encontrar o inimigo que nos é necessário? A coisa é difícil, pois não é necessário que seja um inimigo real, e no entanto é necessário que se possa acreditar em sua existência. Recomendando então escolher os judeus. Eles verdadeiramente não representam nenhum perigo. Na Alemanha existem 600.000 deles (inclusive as mulheres, as crianças, os tuberculosos e os cancerosos) contra 60.000.000. Essa proporção é boa. E, sob todos os aspectos, constituem um povo utilizável; eles mesmos nos ajudarão, de uma forma ou de outra. Se, por acaso, desaparecessem à força de perseguições, sempre restaria deles um número suficiente, em outras cidades ou países, para manter o medo que inspiram. Logo, graças a um anti-semitismo cuidadosamente cultivado e aplicado, teremos essa juventude burguesa orgulhosa e segura dela mesma, ou dito de outra forma, consciente de seu valor, de sua nobreza étnica e racial, e disso resultará um movimento de identificação até mesmo numa grande parte do proletariado."⁵¹

CAPÍTULO IV

CULTURA DE PERTENÇA E CULTURA DE REFERÊNCIA

Eu sou judeu, e isso em nós é uma doença nacional. Os melhores de nós se esforçam por transformá-la em ressentimento e em cólera. Entre os alemães, é um mau hábito, de algum modo uma falta de energia interior.

ARTHUR SCHNITZLER

Através de sua situação diaspórica, no mais das vezes o judeu é herdeiro de uma dupla cultura, a do judaísmo que, de maneira mais ou menos explícita, seu meio e seus pais lhe transmitem, e a do país onde vive e se expressa. Muitas vezes foi estudada essa co-presença em Freud. Marthe Robert assinala a esse respeito a combinação das duas culturas, e esclarece que nem são totalmente complementares, nem rigorosamente opostas. Freud mostra-se crítico em relação ao judaísmo e coloca a cultura adquirida "ao abrigo de qualquer contestação, em primeiro lugar sem dúvida porque é fascinado por ela, mas também porque talvez na sua qualidade de estrangeiro, não se sente capaz ou no direito de julgá-la... a crítica psicanalítica, notavelmente reservada em relação ao helenismo, parece culpar quase unicamente o judaísmo como primeiro fator de perturbações, responsável não só pelas doenças do indivíduo, mas ainda por um grave mal-estar coletivo... revela melhor a desigualdade das duas culturas quanto à sua dinâmica profunda: uma bem protegida contra o instrumento psicanalítico, permanece na superfície tranquilizadora das coisas bem concebidas, sem relação real com o drama interior de onde Freud extrai sua obra apaixonada: enquanto a outra, ligada à ambivalência de toda vida profunda e, conseqüentemente, presa no círculo infinito do remorso e da culpa, é aquele que o lança sem retorno ao seu estranho destino".¹ Em *Freud leitor da Bíblia*, Theo Pfrimmer fala de uma